



COLÓQUIO

Letras




FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

número 205 Setembro/Dezembro 2020

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(UFF-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Jódice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gestão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

O preço para Portugal inclui o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel. 21 762 35 67
E-mail: coloquiuletras@gulbenkian.pt
www.coloquio.gulbenkian.pt

DISTRIBUIÇÃO

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel. 21 762 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN: Overshoot Design

CAPA: Overshoot Design
(a partir de uma obra de Ana Ruzic)

IMPRESSÃO: Norprint

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM: 2000

DEPÓSITO LEGAL: 44738/91

ISSN: 0050-3451

SUMÁRIO

LÍDIA JORGE

- 9 Imaginar Adelaide Cabete em tempos de epidemia
Cláudia Pazos Alonzo e Hilary Owen
- 21 Os silêncios articulados de Lídia Jorge
Agnès Levécot
- 32 Mitos em ruínas: maternidade e morte em 'A Costa dos Murmúrios'
Franklin Nelson
- 44 Diante da manta do soldado: tempo, memória e transmutação lírica na obra de Lídia Jorge
Conceição Brandão
- 55 Alegorias de comunidade e democracia
Ana Paula Ferreira
- 67 Um 'puzzle' prodigioso: Lídia Jorge lê e escreve Portugal
Mauro Dunder
- 79 Herança de sombras: memória, pós-memória e responsabilidade em 'Os Memoráveis' de Lídia Jorge
Paulo de Medeiros

FICÇÃO

- 101 *Lídia Jorge*

TEXTOS

- 109 *António Vieira*

ARTIGOS

- 117 O degredo e a política colonial oitocentista na ficção de Camilo Castelo Branco
Luciene Marie Pavanelo
- 126 Da sociedade para a saciedade: sobre 'Coração, Cabeça e Estômago'
Sérgio Guimarães de Sousa
- 137 O «reacordar-se» de um mito: uma leitura do 'Auto do Frade' de João Cabral de Melo Neto
Anco Márcio Tenório Vieira
- 148 Maria Amélia Neto: o silêncio dos deuses e a tragédia da existência
Rui Magalhães

DOCUMENTO

- 165 Quatro textos inéditos de Ruben A. apresentados por *Liberto Cruz*

- 183 No centenário de João Cabral de Melo Neto
Artur de Vargas Giorgi

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 189 Editar Lídia Jorge em França
Pierre Léglise-Costa
- 193 Antero e Lourenço, aproximações
Susana Viegas
- 201 Obra poética de David Mourão-Ferreira
Fernando J. B. Martinho
- 208 Amado, decifrador
Joana Matos Frias
- 215 Blimunda e a espiritualidade clandestina de José Saramago
Manuel Frias Martins
- 222 Derivas da linguagem poética
Fernando Guimarães

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

- 231 *Alexandrina*, como Era, J. H. Santos Barros
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO
- 235 *Epílogo*, José Agostinho Baptista
RITA NOVAS MIRANDA
- 238 *Agora*, Ana Luísa Amaral
DIANA V. ALMEIDA
- 241 *Estalagem*, Henrique Manuel Bento Fialho
JOSÉ RICARDO NUNES
- 244 *Monda*, Sebastião Belfort Cerqueira
HUGO PINTO SANTOS

FICÇÃO

- 246 *O Anjo Camponês*, Rui Nunes
MARIA JOÃO REYKAUD
- 249 *Um Pregão no Coração / Natureza Morta / Vício*, Paulo José Miranda
LUIZA MELLID-FRANCO
- 254 *O Centro do Mundo*, Ana Cristina Leonardo
MIGUEL MARTINS
- 256 *O Gesto Que Fizemos para Proteger a Cabeça*, Ana Margarida de Carvalho
MADALENA VAZ PINTO

CRÓNICA

- 259 *Diários de Emília Bravo*, Maria Judite de Carvalho
ÁLVARO MANUEL MACHADO

BIOGRAFIA

- 261 *O Poço e a Estrada*, Isabel Rio Novo
HUGO PINTO SANTOS

- EPISTOLOGRAFIA
- 263 *Sinal Respiratório. Cartas para Sérgio Lima*, Mário Cesariny
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- ENSAYO
- 266 *Os Outros Movimentos Literários*, Fernando Guimarães
RICARDO MARQUES
- 268 *Confluências*, Manuel Simões
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 270 *Matices de Uma Poesia Irisada*, Maria da Conceição Oliveira Guimarães
SUSANA L. M. ANTUNES
- 272 *O Sentido Primeiro das Coisas II*, Conceição Flores (org.)
FÁBIO MARJO DA SILVA
- LITERATURA MACAENSE
- ANTOLOGIA
- 274 *Contributos para o Estudo da Literatura de Macau*, Monica Simas
e Graça Marques
DUARTE DRUMOND BRAGA
- LITERATURA MOÇAMBICANA
- POESIA
- 276 *O Canto dos Escravizados*, Paulina Chiziane
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR
- LITERATURA BRASILEIRA
- POESIA
- 280 *O Passado do 4.º Andar e Outros Poemas Portugueses*, Eucarnã Ferraz
JOANA MATOS FRIAS
- 285 *Casa de Mito*, Verónica Paulica
EVELYN BLAUT FERNANDES

AGRADECIMENTOS: A Ana Ruapp pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. A Lúcia Jorge, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.

cimentos, dadas em sequência. O pormenor e o apego aos factos da biografia são constantemente acompanhados de reflexões que abrem o espectro, extrapolando, nesse convívio frutuoso entre vida e obra, que conduz a um plano onde já se torna difícil saber se ambas são destrincháveis — «Se a figura da mãe é sempre perspectivada por Agustina sob uma certa dureza, o pai é visto com maior benevolência» (63); «Agustina sublimava [ao escrever] o ímpeto de aventura que herdara do pai e que, caso tivesse nascido homem, talvez a tivesse conduzido à mesma existência arrojada» (159). Talvez Isabel Rio Novo tivesse em mente afirmações como estas quando escreveu: «Não receei ficar pela conjectura, nem expor as minhas dúvidas, nem apresentar as minhas limitações» (19). Nada que tenha impedido a biógrafa de se manter, simultaneamente, perto do fio de prumo da vida de Agustina Bessa-Luis e atenta aos círculos progressivamente mais amplos e complexos que se iam formando em torno da escritora — «Agustina foi por certo apreendendo os lugares, os recantos, os costumes e os sentimentos que, no velho burgo 'não se descobrem de mão beijada'» (223). Das relações entre tantas variáveis fala, eloquentemente, esta biografia, que se atreve a abeirar-se de uma das figuras tutelares do cânone literário português — ela que tanto desprezaria tutelar fosse o que fosse — para produzir um trabalho de audacioso rigor. Um projecto que nunca perde de vista quanto a vida de um escritor é a sua obra, e quanto é uma tarefa inglória e tantalizante desentrelaçar o intrincado dos filamentos que formam uma só corda. *O Poço e a Estrada* é a admirável tentativa de proceder a esse deslindamento.

Hugo Pinto Santos

[O Autor segue a antiga ortografia.]

EPISTOLOGRAFIA

Mário Cesariny

SINAL RESPIRATORIO

CARTAS PARA SERGIO LIMA

Apresentação de Sergio Lima

Edição e prefácio de Perfecto E. Cuadrado

Lihoa/Vila Nova de Famalicão, Documenta/

Fundação Cupertino de Miranda / 2019

Surgiu mais um epistolário de Mário Cesariny. É o sexto, depois de *Gatos Comunicantes — Correspondência entre Vieira da Silva e Mário Cesariny (1952-1985)* (2008), *Cartas para a Casa de Pascoas* (2012), *Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas* (2014), *Um Sol Esplendente nas Coisas — Cartas de Mário Cesariny para Alberto de Lacerda* (2015) e *Um Rio à beira do Rio — Cartas para Frida e Laurens Vencrevel* (2017), este recensado há pouco nesta mesma revista. O valor destes conjuntos é desmedido; são contributos incontestáveis ao esclarecimento de muitos pormenores biográficos do autor — é no conjunto escrito a Cruzeiro Seixas que se determina por exemplo com rigor o momento em que Cesariny soube do falecimento de António Maria Lisboa — e ainda para perceber os processos da sua poética, já que a carta nele nunca é só informativa. Acrescenta-lhe sempre um desvio criativo, que a redime da superfície e a bafeja com a permanência funda da poesia.

Desta vez temos as cartas escritas para Sergio Lima, entre 1967 e 1995, num total de 56 peças. Também elas têm um alto valor histórico e documental, um papel insubstituível no esclarecimento do que se passou em Portugal em termos de surrealismo. Trata-se dum subsídio inornável num dos aspectos mais cruciais da actividade surrealista portuguesa — a sua internacionalização. Sergio Lima nasceu em 1939, em Pirassununga, Brasil.

O seu primeiro contacto com o surrealismo aconteceu no quadro das actividades do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo através do cinema de Luis Buñuel. Foi para Paris em 1961 e aí se ligou ao grupo que continuava a reunir-se em torno de André Breton. Colaborou então na revista *La Brèche* (1961-1965), a última das muitas revistas surrealistas que Breton dirigiu. Dois anos depois, já no Brasil, publicou o seu livro de estreia *Amore* e inicia com Roberto Piva e Cláudio Willer a primeira tentativa de criar um grupo surrealista em São Paulo. Só em 1966, desta vez com Sergio Lima e Paulo Antonio Paranaguá, o grupo arranca, para logo lançar em ligação com o colectivo de Paris um projecto de exposição surrealista em São Paulo, que se concretizou em Agosto de 1967. Foi na preparação desta exposição que Sergio Lima em conversa com Aldo Pellegrini (1903-1973), o primeiro fundador dum grupo surrealista em língua espanhola (Argentina, 1926), teve notícia da existência de Mário Cesariny e de actividades surrealistas em Portugal. Entrou de imediato em contacto com ele, convidando-o a colaborar na exposição. Aconteceu assim a primeira participação fora de portas dos surrealistas portugueses. Para assinalar o valor do evento basta dizer que André Breton ignorara a existência de qualquer actividade surrealista em Portugal — primeiro nas «Éphémérides surréalistes (1916-1955)», que anexou à reedição dos manifestos em 1955, e depois na sua actualização de 1962.

O primeiro interesse documental e histórico deste epistolário está pois no contributo que ele nos fornece para o conhecimento do que foi a presença portuguesa na exposição de São Paulo, considerada a XIII do surrealismo internacional. São sete cartas trocadas entre o início de Julho e 22 de Outubro de 1967, com muitos pormenores acerca da participação portu-

guesa. Esta foi feita com alguma pressão de tempo e embora Cesariny tenha tido oportunidade de fazer em Junho várias remessas por barco e por avião muita coisa ficou por seguir. O catálogo contou ainda com colaboração escrita e plástica dos participantes portugueses na exposição — António Maria Lisboa, Cesariny, Cruzeiro Seixas, Mário-Henrique Leiria, Pedro Oom, João Rodrigues e António José Forte —, que assim apareceram pela primeira vez numa publicação internacional ao lado dos membros do grupo francês, que editava a revista *L'Archibus*. O catálogo da exposição com mais de 150 páginas foi o primeiro número duma nova publicação, *A Phala*, que se apresentou como «revista do movimento surrealista». Cesariny manifestou viva satisfação por esta convergência na carta de 23/7/1967, lamentando porém a ausência de Virgílio Martinho — «a pressa a que fui e fomos assim o determinou» (31).

Outro ponto marcante nestas cartas de 1967 é a organização por parte do subscritor duma pasta de imprensa com os materiais que recebeu de São Paulo e que acabou por agrupar nesse final de ano em número do *Jornal de Letras e Artes* (ano VII, n.º 258, Dezembro), com capa alusiva ao evento — «número dedicado à XIII Exposição Internacional Surrealista, I Mostra Surrealista de S. Paulo», dizeres ilustrados com um objecto de funcionamento simbólico de Sergio Lima. Dirigida por Azevedo Martins, a publicação depois de meses de paralisia renasce sob a forma de revista e Cesariny surgia como um dos redactores mais em evidência, situação que durou até ao Verão de 1968, altura em que se ausentou de Lisboa para fazer a segunda e última grande estadia em Londres, que durou até à Primavera do ano seguinte.

Depois deste primeiro núcleo de cartas, a correspondência só reatou quase dez

mostrar as provas do segundo número da revista *A Phala*, com as quais Cesariny se fez fotografar e que só acabou por vir a lume em 2013, 46 anos após o primeiro, desta vez com a presença de Miguel Pérez Corrales, um canarino que alguma importância tem nesta correspondência e que Sergio Lima conheceu por intermédio de Cesariny.

António Cândido Franco

[O Autor segue a antiga ortografia.]

ENSAIO

Fernando Guimarães OS OUTROS MOVIMENTOS LITERÁRIOS

ENCONTROS E ROTURAS A PARTIR DO
SÉCULO XIX

Porto, Afrontamento / 2020

Os Outros Movimentos Literários: Encontros e Roturas a partir do Século XIX é o novo livro de Fernando Guimarães, aparecendo na esteira de uma prolífica publicação. No ano transacto, veio a lume um longo ensaio devotado à problemática *A Arte É Conhecimento?* (recensado por Álvaro Manuel Machado nesta revista) e também uma recolha de contos (*O Outro Lado do Desenho*, INCM). No domínio da poesia, ainda em 2019, o autor não só publicou um volume inteiramente novo (*Junto à Pedra*, Afrontamento) como reuniu toda a sua obra poética em *Lugar da Palavra (1956-2019)*, incluindo neste último também um livro inédito.

No novo título que agora recenseamos, os treze artigos que o compõem são dispostos por ordem cronológica do período histórico a que se referem. O primeiro artigo é de natureza introdutória, apresentando o volume e retomando a ideia do subtítulo. Essa ideia remete-nos para uma

relação dupla com a evolução da história literária: rotura e encontro. Esclarece assim logo à entrada o seu autor o contexto do seu pensamento: «Podemos dizer que, ao longo do tempo, as criações artísticas oscilam entre sucessivos momentos de encontro e rotura. São duas valências que acabam por ocorrer a partir de uma mudança de valores estéticos que oscilam entre a defesa de novas propostas expressivas ou o retorno à tradição, a qual geralmente é entendida como sendo a escolha que se faz por um sentido contrário a tal novidade» (7).

Explicado que está o seu intuito ensaístico, importa então começar por pensar na palavra que fica a gravitar: que «outros» movimentos são estes, que vêm do século XIX aos nossos dias? Sabemos que paralelamente a um movimento de vanguarda (*avant-garde*), existiu um movimento de *arrière-garde*, para o qual a modernização estética coincidia com uma valorização do passado. William Marx, no livro essencial que organizou, *Les arrière-gardes au XX^e siècle. L'autre face de la modernité esthétique* (2008), fala-nos inclusive desse conceito como um lado «escondido» do Modernismo, urgindo repensar a modernidade enquanto um todo histórico também sob esse prisma. A reflexão de Fernando Guimarães aponta neste sentido, parecendo ser esse também o significado de «outros» do título. É o que assevera no final do seu capítulo com o título sintomático «O Modernismo com ou sem Vanguarda»: «Com efeito, o Modernismo [...] não podia deixar de se situar no seu tempo como movimento que o foi historicamente; mas há certas opções estéticas suas que prosseguem para além desse tempo. É a modernidade que continua ou, por outras palavras, aquilo que de certo modo representa a sua tradição. Uma tradição que, afinal, traz consigo uma necessidade de ser também inovadora» (65).